

**ICEB**  
**INSTITUTO CORE ENERGETICS DO BRASIL**

**MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA CASTRO GOMES**

**CORE ENERGETICS NA INTERMEDIÇÃO DO PROCESSO  
DE TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA ENTRE  
PROFESSORES E ALUNOS EM SALA DE AULA: UMA  
EXPERIÊNCIA COM EDUCADORES**

Monografia apresentada no curso de  
Pós-graduação Internacional em Core  
Energetics do ICEB – Instituto Core  
Energetics do Brasil.  
[www.brasil-coreenergetics.com.br](http://www.brasil-coreenergetics.com.br)

**ATIBAIA – BRASIL**  
**2007**

“O padrão defensivo não define a pessoa. É a Essência que define. Uma pessoa em tratamento não é um tipo ou estrutura de caráter, ou qualquer outro rótulo. Ele ou ela é um ser humano cujo funcionamento começou a falhar e cuja alma tem um brilho e uma beleza inatos, que a terapia tem o objetivo de restaurar.”

John Pierrakos

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho é levantar indícios do quanto a terapia corporal, e particularmente a Core Energetics, pode ser saneadora das relações entre professores e alunos na sala de aula, contribuindo, de modo decisivo, para a superação das dificuldades de ensino-aprendizagem observadas na educação de jovens e adultos.

Trabalhei por vinte e oito anos como professora da rede pública de ensino em Brasília, Distrito Federal, três desses anos como diretora de uma escola de Ensino Fundamental, com alunos em idades as mais variadas. Vivi, então, várias fases dentro da minha profissão. Desde aquela marcada pelo ímpeto que trazia como professora recém-formada pela Universidade de Brasília, em um curso de Licenciatura em História, com todos os sonhos da grande contribuição que daria para a formação da consciência revolucionária dos meus alunos quando no Brasil, em fins da década de setenta e até meado dos anos oitenta, vivíamos ainda sob uma ditadura militar que havia sido cruenta. Até aquela fase em que me canso, não propriamente das minhas bandeiras de luta, mas em que me recolho ao meu cansaço de lutar.

Observo que isso ocorre, em larga escala, com os professores. Depois de um período de encantamento, se fecham, entregam os pontos à rotina enfadonha, sucumbem às dificuldades do dia a dia, à engrenagem estúpida e castradora da criatividade de alunos e professores. Na verdade, somos engolidos pela máquina trituradora de sonhos do capitalismo voraz, voltado para o imediato, para o lucro a curto prazo e a qualquer custo, para o consumo do apenas aparente, do fútil, do descartável, sem uma perspectiva mais aprofundada e significativa da existência. Assim, para toda a melhor e mais esperada hora é a do sinal tocando no final do expediente, perdendo-se com isso toda a riqueza latente no universo da escola: a “constituição de sujeitos políticos (ser de poder), epistemológicos (ser de saber) e amorosos (ser que é acolhido e que acolhe)”. (Reis, 2000, p. 11). Desse modo, os professores passam à triste condição de meros vendedores da sua força de trabalho, vão bloqueando o peito como se colocassem armaduras que os impedem de sentir, de estar próximos, de fazer com o coração. Não se dão conta de quão contraproducente é essa forma de agir, pois na medida em que se afastam do outro, se afastam de si próprios, afastam-se da pulsão da vida.

As dificuldades do professor para exercer a sua real tarefa como educador começa no momento da sua formatura, quando ele desvincula-se da universidade que, mesmo apresentando uma convicção meramente acadêmica e, de modo paradoxal, muitas das vezes distanciada da prática, é um espaço importante de idéias, de debates, de propostas que mantém acesa a vontade de fazer, de pôr em prática o melhor de cada um. E como a brasa que, por mais incandescente que esteja, se apaga se afastada da fogueira, desse modo o professor, isolado da fonte que é a universidade, e sem uma organização que a substitua, vê desvanecer-se, com o tempo, o seu ímpeto inicial. Perde a dimensão do quanto pode transformar esse “real-concreto-ocorrente” (Renato Hilário, 2000, p. 3) manifesto no seu cotidiano. E do quanto, como sujeito atuante, pode transformar-se nele.

Tendo vivenciado, como professora, todas essas situações aqui descritas, mas agora com a consciência desperta para o sagrado presente na tarefa de educar, busco, trazer este olhar adquirido nas minhas buscas, de maneira particular, a partir da Core Energetics, como contribuição à atuação do professor na sua relação com o aluno.

## **1: UMA EXPERIÊNCIA COMO EDUCADORA**

Os últimos anos em que atuei como professora em sala de aula corresponde, praticamente, aos quatro anos da minha formação em Core Energetics. Nesse período pude, com muita clareza, constatar a máxima que diz que, muitas vezes, as nossas feridas mais profundas são os nossos melhores presentes. Isso se não perdermos as oportunidades de mudança e crescimento que elas nos possibilitam. Com o final de um casamento de dezessete anos, pensei que fosse morrer. Não o morrer simbólico que sempre ocorre nessas situações, mas literalmente morrer. Cabe registrar o quanto a minha visão desse período da minha vida é hoje de absoluta serenidade e até mesmo gratidão. Mas o menciono aqui como impulsionador desse momento de buscas. E a minha busca era por um caminho que me restituísse a flama, a chama, a gana por estar aqui. E foi nesse afã que me encontrei com Core Energetics, e pude a partir do novo que experienciava, numa espécie de auto-revolução interna, e a exemplo do que ocorria em outras áreas da minha vida, permitir que os meus alunos passassem pelo meu coração. E, também, me permitir passear pelo coração dos meus alunos.

Como professora em uma escola de periferia, com alunos oriundos de classes sócio-econômicas menos favorecidas, me dei conta do quanto eles precisavam e esperavam de nós professores. Bem mais do que a mera retransmissão de conhecimentos. Mas nos viam como verdadeiros apontadores de caminhos. Percebi que, muito mais do que uma função de muita responsabilidade, meu trabalho como educadora era, na verdade, uma tarefa sagrada. Passei, então, a pautar a minha atuação a partir desse sagrado.

Ali, diante de mim, estavam seres que possuíam “uma alma com um brilho e uma beleza inatos” (Pierrakos, 1990, p 89). Que precisavam ser vistos a partir de sua essência de luz. E Core Energetics passou a estar muito presente na minha atuação e na minha relação com os meus alunos,

auxiliando-me no importante e difícil equilíbrio entre o rigor na exigência da disciplina necessária, fazendo uso da autoridade que a função me conferia, e o estar com a minha presença amorosa junto, acolhendo-os e estimulando-os.

Trabalhar a minha respiração foi fundamental nesse processo. O *grounding* acontecendo a partir da respiração. A consciência chegando através da respiração e do *grounding*. E passei a iniciar as minhas aulas dedicando alguns minutos ao *grounding* e à respiração. Havia resistência sim, por parte de alguns, que reagiam com galhofas, piadinhas e risadas. Mas, no cômputo geral, era um bom exercício para todos. Fazíamos dois minutos de respiração e mais dois para a auto-observação do corpo, da escuta do próprio coração, da percepção do sangue fluindo e percorrendo os diversos órgãos. E pedia, por fim, que eles se olhassem. Mais piadas, mais risadinhas, mas com certeza o resultado benéfico daquela experiência que lhes parecia tão inusitado e engraçada, estava estampado no brilho dos seus olhos. E no brilho dos meus olhos, também.

## **2: UMA EXPERIÊNCIA COM EDUCADORES**

A minha vivência como educadora, particularmente a experiência que tive nos anos finais da minha atuação em sala de aula, me trouxeram um novo olhar para o processo ensino-aprendizagem. É o saber dessa nova possibilidade que me faz hoje, já aposentado das minhas funções formais como professora, realizar um trabalho terapêutico com educadores populares (alfabetizadores de adultos), onde utilizo o *grounding* e a respiração como ferramentas básicas. Pretendo, desse modo, dar a minha contribuição, ainda que pequena, mas com a consciência do beija-flor que leva a gota d'água no bico para apagar o incêndio da floresta. Pretendo intervir, desse modo, nessa intermediação entre professor e aluno, resgatando a possibilidade de construção de um espaço mais amoroso na escola. Trabalhando terapia corporal com os professores, o enraizamento, o olhar, a consciência de corpo, o reconhecimento do ser amoroso que nos habita.

É uma experiência que está, ainda, em andamento. Os nossos encontros envolvem quinze educadores, com uma frequência quinzenal e por um período de duas horas. Acontece no espaço do CEPAFRE (Centro de Educação Popular e de Alfabetização Paulo Freire), que é um campus avançado da Universidade de Brasília na cidade-satélite de Ceilândia, no Distrito Federal. Ali, entre outras atividades, centraliza-se um projeto de alfabetização de jovens e adultos, sob a supervisão da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UNB), pautado no pensamento teórico-filosófico de Paulo Freire, grande teórico da educação no Brasil. A sua compreensão de alfabetização de adultos baseava-se no postulado básico de que esta deve ocorrer a partir da realidade em que o alfabetizando está inserido, de modo que a sua consciência política seja, ao mesmo tempo, despertada. A clientela atendida por esse projeto de alfabetização é formada, amplamente, por pessoas oriundas de uma população de baixo poder aquisitivo, operários, domésticas, subempregados ou

desempregados, entre outros, que não tiveram oportunidade de escolarização na faixa etária adequada. Em suma, são pessoas que moram nas periferias urbanas e que não usufruem dos bens produzidos, na maioria das vezes, por eles mesmos.

Na educação de jovens e adultos, “trabalha-se com a ponta mais excluída da sociedade” (Reis, 2006). Temos ali, em dimensão macro, a perversidade constituída pelo capitalismo globalizado, responsável por diferenças tão díspares de distribuição das riquezas do planeta e que tem fomentado tanta miséria no mundo. A maioria desses alunos, portanto, chega ali com uma história forte de exploração, sujeição e rejeição. São seres que foram silenciados pela exclusão, que introjetaram a miséria, que se julgam menos, que se vêem aquém de todos os demais.

“Se durante a vida toda a criança ouviu que ela, por ser cabocla, por ser negra, por ser pobre, por ser favelada – é preguiçosa, vagabunda, não serve para nada, é feia, desajeitada – acaba internalizando ou cristalizando dentro de si todos esses estereótipos produzidos pela educação repressora, pela sociedade preconceituosa. O resultado é vermos pessoas sem auto-estima, sem acreditarem nos seus próprios recursos e valores, descrentes da sua capacidade de ser gente e de poder contribuir com as transformações sociais.” (Barreto, 1997, p.95)

O trabalho a ser feito com eles, por conseguinte, está para além de apenas alfabetizá-los. Trata-se de promover o “dessilenciamento do ser” (Reis, 2006). E para tanto é necessário que se instaure um espaço de acolhimento amoroso.

Por sua vez, os educadores populares que alfabetizam esse alunado se deparam com dificuldades de toda ordem, tais como locais de trabalho improvisados e distantes de suas residências, sistema de transporte deficitário, escassez ou total ausência de material e recursos diferenciados para utilizarem em suas aulas, retorno financeiro insignificante. Deparam-se, ainda com situações adversas em sala de aula provocadas pelo seu próprio cansaço físico e dos alunos, pela violência que ronda as escolas e que às vezes se manifesta dentro da própria sala de aula, pelas questões existenciais de alunos e educadores que, naturalmente, repercutem na sua atuação. Não resta dúvida de que essas intercorrências acabam por interferir negativamente no processo de ensino-aprendizagem impossibilitando o educador de exercer com inteireza a sua tarefa.

A proposta de terapia para educadores populares tem o objetivo de amainar essas dificuldades na medida em que ele terá um espaço para trabalhar as suas questões, refletir sobre elas, sentir o seu corpo e aperceber-se do que nele acontece ter consciência de suas emoções para que possa lidar melhor com elas e até mesmo transformá-las, e ainda relaxar o corpo cansado da labuta, através de

exercícios apropriados. Por fim, pretende-se que o educador esteja mais inteiro e pleno em sua vida e, conseqüentemente, também no exercício do seu trabalho.

A terapia sugerida pela Core Energetics traz contribuições definitivas à proposta de o educador reconectar-se com a sua essência a fim de que o seu trabalho atinja o objetivo maior que deve ter a educação: de também ser um processo evolutivo, de autoconstrução, de desvelamento do ser. De ser, ainda, um processo de direcionamento da consciência no sentido de, a exemplo do proposto pelo Core Energetics, “alcançar a instância mais sensível, criativa e sutil do ser humano que é a sua essência” (Borine, 2006, p.29). Nesse sentido, a educação dada na escola, como de resto na família ou em qualquer outro espaço, é, ou devesse ser, um processo de cura que ajude a cada ser conduzir-se pela vida de modo criativo e amoroso.

“A educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 1996, p.21). Por conseguinte, o professor em sala de aula é um terapeuta, um curador, ainda que não o saiba. Com esse grupo trabalhamos essa consciência. “Como presença consciente no mundo, não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo” (Freire, 1996, p.108). Esta proposta de trabalhar terapia com esse grupo de educadores populares advém da clareza que tenho de que haverá uma repercussão profunda na sua atuação junto a seus educandos, no processo ensino-aprendizagem exatamente como um processo de ir e vir, onde o ensinar e o aprender ocorrem concomitantes, tanto para o educando como para o educador.

Na sala de aula, as questões transferênciais se manifestam de modo flagrante. Os nossos alunos, quando ainda crianças, chegam a, distraidamente, chamar a professora de mãe, numa comprovação clara do quanto essa identificação é forte. Quando já adolescentes, então, as pendências que têm com os seus pais, as feridas que trazem do relacionamento familiar, vêm à tona e, a exemplo do que ocorre nas questões de transferência e contratransferência na terapia, também na sala de aula elas se fazem presentes de modo impactante. E esse é um dado significativo para a comprovação do quanto a terapia corporal, a partir da qual esses conteúdos são trabalhados, pode ser de grande relevância como saneadora das relações professor-aluno.

Odila Weigand discute a inserção cada vez maior do estudo da importância da psicoterapia corporal no espaço acadêmico.

“A psicoterapia corporal configura-se hoje como uma escola teórica e prática de relevância inquestionável e em expansão no mundo inteiro. Pelo mesmo motivo, há um interesse crescente entre os psicoterapeutas corporais de base reichiana em desenvolver pesquisas que permitam o reconhecimento e aplicação em ampla escala da psicoterapia corporal” (Weigand, 2006, p. 10).

Na medida em que a psicoterapia corporal vai ultrapassando os limites dos consultórios e abrangendo grupos sociais específicos, sejam ou não carentes vários terapeutas e teóricos reichianos têm buscado essa inserção na academia, ainda que com focos diferentes. No Brasil, certamente que muitos terapeutas oriundos de Core Energetics, e que têm tido essa oportunidade, o têm feito também.

Neste projeto específico a que me proponho, um dos pilares da abordagem terapêutica será o trabalho com o Eu Superior, o Eu Inferior e a Máscara. Na medida em que estes elementos forem sendo trazidos para a prática do grupo, pretende-se que os educadores possam reconhecer a partir de que espaço se dá a relação com os seus alunos em sala de aula. Trabalhar esses segmentos de manifestação do ser é de fundamental importância para o processo terapêutico de cada um, assim como para incluir o seu trabalho como educador formal, através da sua prática ocorrida na escola, como uma oportunidade de evolução de cada ser que ali se encontra. Quando lemos a palestra do Guia da Eva, no momento em que ele fala dos conteúdos que permeiam cada uma dessas instâncias, fica muito clara a importância de termos este conhecimento para facilitar o nosso processo de auto-conhecimento e conseqüente crescimento.

“Num esforço para compreender melhor a natureza humana, imagine-a representada por três esferas concêntricas. A esfera central, o núcleo mais interior, é o *eu superior*, que faz parte da inteligência e do amor universal que permeia a vida: em suma, Deus. É a centelha divina. O eu superior é livre, espontâneo, criativo, amoroso, generoso, onisciente e capaz de alegria e felicidade infinitas. Você sempre pode entrar em contato com ele quando está na verdade, quando dá de coração e por meio da meditação e da oração. A camada que recobre o Eu divino é o mundo oculto de egocentricidade que denomino *eu inferior*. Esta é a sua parte não desenvolvida, que ainda contém emoções negativas, pensamentos negativos e impulsos como medo, ódio, crueldade. A camada mais externa, que as pessoas utilizam como um escudo protetor para encobrir o eu inferior e muitas vezes também o seu eu superior, é a *máscara* ou auto-imagem idealizada.” (Eva Pierrakos, 1990, p.37).

Sabemos o quanto o trabalho realizado em grupo é rico de energias que são suscitadas a partir do processo de cada um, assim como também da egrégora que se estabelece gerando uma espécie de moto-contínuo onde cada um alimenta a energia do grupo e este, por sua vez, alimenta a energia de cada um.

“Cada um deve desenvolver seus próprios sentimentos pessoais, sua consciência de corpo e sua sensação para que, através da

respiração, possa compartilhar suas energias com os outros elementos do grupo. Assim, o princípio da mutualidade, os movimentos criativos, a fusão e a unificação que aparecem no interior de cada pessoa, são estendidos a todo o grupo.” (Pierrakos, 1987, p. 230).

É evidente que este é um trabalho realizado de modo cuidadoso e gradativo, pois é necessário considerar-se que são muitos os graus e estágios da cada um desses níveis de consciência. Mas tenho clareza da sua pertinência quando queremos abrir um espaço novo na relação professor-aluno que aponte para a construção de uma nova mentalidade a guiar os destinos da humanidade. Afinal, se nos voltamos para o nosso Ser Essencial, convocamos o Ser Essencial do outro. E aí a resistência se dissolve. E nos deparamos com um oceano de possibilidades.

## **CONCLUSÃO**

“Temos uma caminhada a ser feita na busca do conhecimento e da realização da tarefa que está inscrita em nossa essência. É preciso saber ‘escutá-la’ e segui-la.” (BASSO e PUSTILNIK, 2000, p. 19). Nesse sentido, tenho aprendido, a cada dia, colocar-me à disposição do Grande Pai e da Grande Mãe, da Vida, da Existência. E buscar alinhar-me com a minha tarefa de vida, com aquilo que a minha alma veio buscar aqui. Confesso as dificuldades deste exercício diário, o quanto sucumbo aos apelos do ego, às resistências em forma de desculpas para não meditar, para não fazer o trabalho com o meu corpo, o tamanho do medo que sinto e que me impede de deixar que a minha luz se manifeste e se mostrem a todos. Quantas vezes, ainda, dão um passo para frente e, logo em seguida, dou outro para trás. E a imensa dor que vem junto com esse movimento de recuo. Em outros momentos consigo me conectar a uma alegria suave, sem motivação externa aparente, uma alegria que certamente brota do ponto de luz que sou, da grande esperança que é saber que este Core que esta Essência, em suma, que “a plenitude do Ser está sempre posta, perenemente, e nós podemos ter acesso às suas múltiplas possibilidades de manifestação, em qualquer momento da nossa existência.” (Theda e Aidda, 2000, p. 65).

Sei que há um infinito caminho para dentro. E que trilhar esse caminho me leva à conexão com a minha Essência. Agradeço a todos os Mestres que nos guiam nessa caminhada, ao John e a Eva Pierrakos, ao Guia da Eva, aos meus professores e aos meus companheiros de jornada, todos eles também meus mestres. Gratidão, ainda, ao campo morfogenético que eu escolhi e que me acolheu, possibilitando que a minha presença se fizesse aqui, incumbida de realizar o trabalho do caminho. Sou grata a todos aqueles que têm me constituído, facilitando, com o seu amor e com o seu amparo, este meu caminhar. E ao meu Mestre Interior, que me põe em contato com as sendas iluminadas que me apontam a Luz e a Verdade. Neste momento, permito que a energia do meu coração flua através da minha corrente sanguínea. E tenho muito claro o compromisso comigo mesma de, ainda nesta

existência, eliminar o máximo possível de bloqueios a fim de que o Ser, este fóton de Luz que Eu Sou, se manifeste.

E que não nos enganemos: a tarefa de resgatar e engrandecer a humanidade é, também, de cada um de nós. Sem alarde, mas definindo claramente a nossa ação no mundo a partir do pontinho que somos da luz que emanamos do nosso Ser, desta consciência ampliada que agora temos. Afinal, estamos num processo cósmico e tudo o que fizermos, e há muito por fazer, repercute no todo.

No mais, que a Divina Graça esteja sempre em nossas vidas e ilumine os nossos destinos.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARRETO, Adalberto. **Manual do Terapeuta Comunitário**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1997.

BASSO, Theda e PUSTILNIK, Aida. **Corporificando a Consciência**. São Paulo: Gráficas Palas Athena, 2000.

BORINE, Monica S. **Core Energetics: Psicoterapia Energética Corporal**. São Paulo: All Print Editora. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

PIERRAKOS, Eva. **O Caminho da Autotransformação**. São Paulo: Cultrix. 1990.

PIERRAKOS, John C. **Energética da Essência (Core Energetics)**. São Paulo: Pensamento. 1987.

REIS, Renato Hilário dos. **A Constituição do Sujeito Político, Epistemológico e Amoroso**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2000.

WEIGAND, Odila. **Grouding e Autonomia (A terapia corporal revisitada)**. São Paulo: Person. 2006.

### **Sobre a autora:**

Maria do Rosário F. C. Gomes é professora e mestranda em educação, terapeuta em Core Energetics.